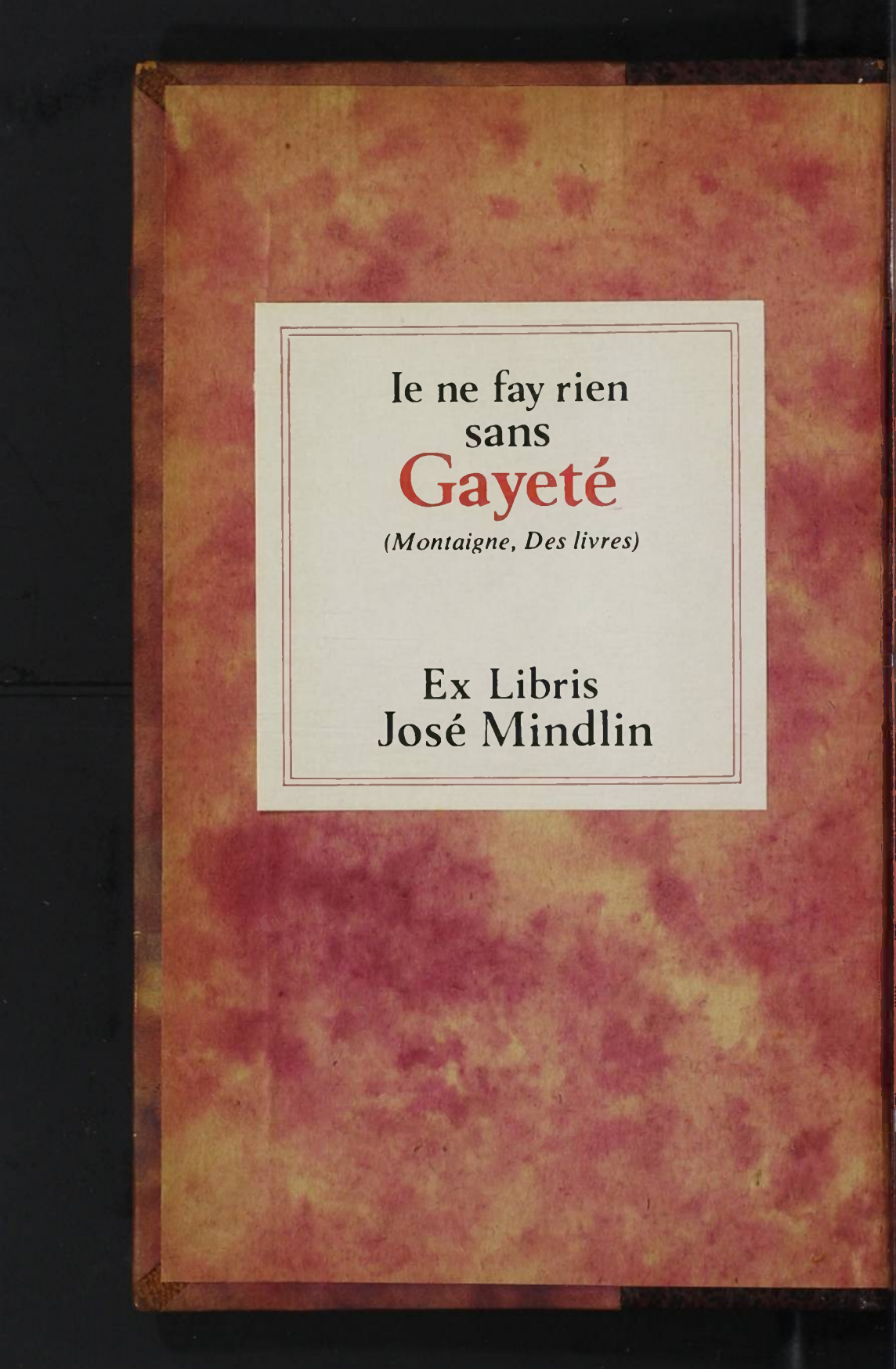

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

O apendice do Florilegio ao 3º vol., que é de 1853, é muito raro, e publicado 19 annos depois.

Galvão

FLORILEGIO

DA

Poesia Brazileira,

CONTENDO, UM NOVO SUPPLEMENTO, COM PRODUCÇOES DE VINTE E QUATRO POETAS AINDA NAO CONTEMPLADOS.

TOMO III. — APPENDICE.

VIENNA.
Typographia do filho de Carlos Gerold.
1872.

Edição or conta do autor.

SUPPLEMENTO SEGUNDO

CONTENDO PRODUCÇÕES

DE

VARIOS AUTORES ANTERIORES A INDEPENDENCIA, OU CONTEMPORANEOS DO PRIMEIRO IMPERADOR, QUE HAVIAM DEIXADO DE SER CONTEMPLADOS.

SATISFAÇÃO.

Publicâmos estas poucas paginas, mais por descargo de consciencia que na persuasão de que ellas possam vir a ser mui lidas e apreciadas. Mas uma vez que chegámos a ter destas composições notícia, pareceu-nos que ficávamos como em divida, não só com a memória de seus autores, como tambem com os possuidores do nosso pequeno *Florilegio*, não as publicando. Se não incluimos nenhuma do P. João de Mello, nem de Manuel J. Cherem, é porque as não conseguimos obter; pelo que só nos resta empraZar a quem as possua a dar dellas alguma notícia. — Quanto ás poesias de varios Pernambucanos, dadas a conhecer pelo Sr. Commendador Mello, dispensamo-nos de contemplal-as aqui por varios motivos.

Não nos deteremos rectificando alguns erros commettidos no *Florilegio*, principalmente no que respeita ás biographias de

muitos poetas, especialmente dos que tiveram parte na conspiração mineira ou do Tiradentes.

Muitas dessas rectificações, em virtude da leitura do processo, acham-se publicadas por nós mesmos, nas Revistas do Instituto, onde se poderão encontrar. Devemos aqui acrescentar que a 2ª edição de Gonzaga (ainda sem a 2ª parte) foi feita em 1792, na Typographia „Nunesiana“ em um vol. de 118 pag. in 8º, em papel forte, de que possuimos um exemplar.

E' hoje sabido que Gonzaga, bem que oriundo do Brazil e ahi creado, nascera no Porto, que Manuel Joaquim Ribeiro era filho de Sanhoane em Portugal; e julgamos haver, por mui fortes inducções, mostrado *) como as *Cartas Chilenas* (alias *Mineiras*) devem ser consideradas producção de Claudio Manuel da Costa.

Em todo caso, declaramos que nunca suppuzemos Caldas Barboza autor de taes cartas, com o julga o amigo Sr. Innocencio na pag. 186 do 2º vol. do seu *Diccionario*. O primeiro serviço que fizemos foi reconhecer que a crítica se referia a Minas, e não podia ser obra de Gonzaga. Quanto

*) Veja-se a nossa „*Carta ao Sr. dr. L. F. da Veiga acerca do autor das Cartas chilenas*“ — Rio de Janeiro, 1867.

ao mesmo Caldas já dissemos (pag. 297) que desde 1855 possuimos a *Descripçâo de Bellas*, a *Vingança da Cigana*, a 1ª ed. da *Doença* (com as iniciaes D. C. B.), a 3ª (1819) da *Historia Sagrada*, e um exemplar (unico de que ha notícia) da composiçâo intitulada „*Nas felicissimas Nupcias*“ etc. que reproduzimos na pag. 298 e seg.

Os versos que damos de Bento Teixeira Pinto, o mais antigo dos poetas brazileiros, sâo copiados do unico exemplar, que talvez exista, da sua *Prosopopêa*, ediçâo de 1601, o qual se guarda na Bibliotheca Publica de Lisboa. Acha-se o dito poema annexo á 2ª ediçâo da relaçâo da viagem da náo Santo-Antonio, em 1565; relaçâo nâo escripta pelo mesmo Bento Teixeira, que nâo vinha a bordo, e sería entâo criança. O poema é composto já no reinado de Filippe 2º.

Dos versos mysticos do Pernambucano (natural do Recife) Salvador das Neves, possuimos um exemplar, unico que temos visto, da ediçâo de Serva, Bahia, 1816.

Na primeira quadra deste seculo, publicou, em França, Ed. Corbière umas poesias, com o nome de *Brésiliennes*. — Apezar deste nome, e da insistencia do poeta a querel-os fazer passar por apenas traduzidas por elle ao francez, sâo-lhe geralmente attribuidas.

Assim pois com as composições que ora offerecemos ao publico damos por concluida a tarefa que ha perto de trinta annos emprehendemos, e que começámos a imprimir em 1846, enviando, desde logo, para o Rio de Janeiro as biographias que iamos aprompтando, e que não deixaram de ser aproveitadas... Tanto a nossa collecção, como o esboço de historia litteraria que a precede, foram então recebidos com bastante favor no Imperio e fóra d'elle, e uma e outro serviram de muito para o academico austriaco Fernando Wolf escrever a sua chamada *Historia da Litteratura Brazileira.* No Imperio a nossa publicação, com certa unidade, se não contribuiu para a fraternidade de algumas de nossas provincias entre si, tinha aspirado a taes miras, e, se não recrutou proselytos da politica para a litteratura, não foi por que deixasse de prégar essa nova cruzada.

Devemos aqui acrescentar que das composições de Gregorio de Mattos possuimos hoje dois differentes manuscriptos, um de excellente lettra em quatro tomos, que já possuiamos ao publicar o primeiro volume de *Florilegio*; e outro de lettra contemporanea, muito mettida, e em um só volume, bastante grosso, encadernado toscamente, por ventura na propria Bahia, ha mais de seculo e meio. Um e outro serão postos á dispo-

sição de quem, offerecendo as necessarias garantias, quizer emprehender uma edição separada das obras do satyrico bahiano.

Concluimos declarando que este „Segundo Supplemento“ deverá entrar no tomo III, depois da folha de Advertencia e Erratas que seguem á pag. 310, e antes do „Supplemento final“ que contêm o Indice alphabetico, ao qual só resta a acrescentar as composições contidas neste „Segundo Supplemento.“

Vienna d'Austria,
Outubro de 1872.

B. de Porto-Seguro.

I.

BENTO TEIXEIRA PINTO.

Descripçâo do Recife de Paranambuco.

Pera a parte do sul, onde a pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
Onde o Ceo luminoso mais serena
Tem sua influiçâo, e temperada,
Junto da Nova Lusitania, ordena
A natureza, mai bem atentada,
Um porto tam quieto e tam seguro
Que pera as curvas náos serve de muro.

E' este porto tal, por estar posta
Ua cinta de pedra inculta e viva,
Ao longo da soberba e larga costa
Onde quebra Neptuno a furia esquiva.
Antre a praia e pedra descomposta,
O estanhado elemento se diriva,
Com tanta mansidâo, que ûa fateixa,
Bast'a ter a fatal Argos anneixa.

Em o meio desta obra alpestre e dura,
Ua boca rompeo o mar inchado,
Que na lingua dos barbaros escura,
Paranambuco, de todos, é chamado:
Ne *Para-ná*, que é mar, *Puca*, rotura,
Feita com furia desse mar salgado,
Que sem no dirivar, commetter mingua,
Cova do mar se chama em nossa lingua.

Per a entrada da barra, á parte esquerda,
Está ûa lagem grande e espaçosa,
Que de piratas fôra total perda,
Se ûa torre tivera sumptuosa.
Mas quem por seus serviços bens nâo herda
Desgosta de fazer cousa lustrosa,
Que a condiçâo do rei que nâo é franco,
O vassallo faz ser nas obras manco.

(Do Poema *Prosopopêa*, ed. de 1601.)

II.

DIOGO GRASSON TINOCO.

Estancias do poema „Descobrimento das Esmeraldas", escripto em 1689.

Partida de Fernão Dias Paes. (Est. 35.)

Parte emfim para os serros pertendidos,
Deixando a patria transformada em fontes,
Por termos nunca uzados, nem sabidos,
Cortando mattos, e arrasando montes,
Os rios vadeando mais temidos
Em jangadas, canoas, balsas, pontes,
Soffrendo calmas, padecendo frios
Por montes, campos, serras, valles, rios.

Indio do lago Vupabussú. (Est. 61°.)

Era o silvestre moço valeroso,
Sobre nervudo, de perfidia alheio,

O gesto respirava um ar brioso,
Que nunca conhecêra o vão receio:
Pintado de urucû vinha pomposo,
E o labio baixo rôto pelo meio,
Com tres pennas de arara laureado,
De fléchas, de arco e de garrote armado.

III.

SEBASTIAO DA ROCHA PITTA *).

Sonetos.

1°.

Ao tumulo do rei Pedro II° na Bahia.

Este horroroso Alcacer da saudade,
Da magoa soberbissimo aposento,
Onde mora a lembrança por tormento,
Onde vive por culto a Magestade:

Altar ao melhor Rei da nossa idade,
Que logra em firme e duplicado assento,
Como humano na terra, monumento,
E cadeira no Ceo, como deidade:

*) Tanto estas poesias do historiographo bahiano, como as de seu compatriota o licenciado Gonçalo Soares da Franca são tomadas do rarissimo folheto (que possuimos) impresso pelo proprio Rocha Pitta em Lisboa, no anno de 1709, com o titulo de *Breve Compendio e Narraçam do funebre espectaculo que na insigne Cidade da Bahia* etc.

E memoria, que ao seu segundo Marte
Pedro eterniza em magoas a Bahia,
Onde competem dor, grandeza e arte:

Mostrando nesta grande fansasia,
Que lhe tocou do amor a maior parte,
Como parte maior da Monarquia.

2º.

A' Imagem da Morte, sobre o Tumulo, coroada, e tendo n'um a das mão a fama e n' outra a eternidade.

Oh tu, que do poder fazes vaidade,
Quando ao sceptro de Pedro nâo perdoas,
E mostras que no fragil das Coroas
De ser mortal nâo livra o ser deidade.

Se chegas a prostar-lhe a Magestade;
Como tanto as virtudes lhe apregoas,
Rue dellas o clamor na Fama entoas,
E a memoria lhe poens na Eternidade?

Se sempre dos teus golpes foi effeito
Pôr ao applauso fim, como a esperança;
Que amor é este agora? Que respeito?

Mas é, que o ser de Pedro tanto alcança;
Que, se chega a acabar quanto ao preceito
Nâo se póde extinguir quanto à lembrança.

3º.

A' morte do mencionado rei.

Oh Rei, por cujo amparo o Luso clama
Com pranto, com horror, e com tristeza
Morto per pena, vivo por fineza:
Cinza fria, mas sempre ardente chama.

Se contra tanto resplandor se inflamma
A Morte: sò vos tira nesta empreza
A vida, que vos deu a Natureza;
Mas nâo a vida, que vos deu a Fama.

A Morte pertendeu nesta victoria
Triunfar de Vós: porèm com dor interna,
Ella despojo foi da vossa gloria.

Porque o grande Motor, que nos governa,
Porque fosses Trofeo sò da memoria,
Vos deu vida mortal, mas fama eterna.

R o m a n c e.

(Em Castelhano.)

Ao mausoleo.

Compendio de luz y sombra:
Cielo de Estrellas y horrores:
Para les Esferas gala,
Y luto para los Orbes.

En el resplandor, que vistes,
De que nube te compones
Con multitud de tinieblas
En tanta copia de Soles?

El traje, de que te aliñas,
Es todo contradiciones:
Y no conoces tu mismo,
Sie eres dia, ò si eres noche.

Que Planeta en ti se ostenta
Con deliquios y candores,
En el Oriente ufano,
Y triste en el Orizonte?

Que Astro pues en ti se mueve
Sin curso, pero con orden;
Y parece al mismo tiempo
Sol que nace, y que se pone?

Si eres Emisferio en rayos,
Nublada Esfera en colores;
Como enbueltas con las glorias
Puedes juntar las pasiones?

Di: que mysterios son estos,
En que publîcas, y escondes
Mucho para los discursos,
Tanto para los dolores?

No hagas del silencio alarde;
Que arder, y callar se oponen:
No se callan los gemidos,
Quando los pechos se rompen.

Si eres Volumen de Amor
Con Estrellas por renglones;
En ti las quexas se escrivan,
O' las memorias se borren.

Si eres carcel, donde estan
Nuestros afectos conformes;
O' nos suelta los suspiros,
O' nos quita las prisiones.

Si eres Sepulcro de un Rey
Mayor, que ha tenido el Orbe;
No solo en incendios pagues,
Quanto en Magestad recojes.

Publica en tu voz tu empeño:
Y haràn luego tus clamores
(Pues la grandeza te ensalça)
Que los ecos te coronen.

Pero harto en brillar lo dizes:
Todo en arder lo propones;
Porque en las lenguas del fuego,
Los movimientos son vozes.

Palabras son tus centellas,
Tus incendios son razones,
Que con las luzes se han hecho,
Quanto màs claras, màs nobles.

Arde pues, y a Pedro ofrece
Apurada en tus crisoles
En ese Templo de Amor
Toda la fé de los hombres.

IV.

GONÇALO SOARES DA FRANCA.

Na morte do rei Pedro Segundo.

Texto de Camoens. Cant. 4. Oit. 50.

Não consentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tam ditoso se lograsse
Portugal; mas os Córos soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse.
Mas para defensão dos Lusitanos,
Deixou quem o levou quem governasse,
E aumentasse a terra mais que de antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

Depois que à Monarquia Lusitana
Ás redeas applicou Pedro o Segundo;
Abatida na guerra a furia hispana,
Na paz o Reino foi assombro ao Mundo:
Inveja porèm, cega, e tiranna,
Deste de Portugal bem tam fecundo,
Que lograsse tal bem, sem ver taes damnos,
Não consentio a morte tantos annos.

Doze lustros, ainda nâo compridos,
(Esfera curta a Sol tam luminoso)
Tinha do Luso o Sol; quando vencidos
Vio seus raios de eclipse tenebroso.
Decretos sâo do Ceo nâo comprehendidos,
Que dando a Portugal Rei tam famoso,
Nâo quiz mais, porque mais triste o chorasse,
Que de Heroe tam ditoso se lograsse.

Ou foy de nossas culpas digna pena,
Ou dos meritos seus foi premio digno;
Que a mesma dor, que a magoa nos condena,
A Pedro sobe ao solio cristallino.
Oh como justamente o Ceo ordena
A sua gloria, o nosso desatino!
Nâo mereciam, nâo, dons mais que humanos
Portugal; mas os Córos soberanos.

Foram deste Monarca relevante
Tantas as prendas, tal a virtude era;
Que inda a menor virtude, Astro brilhante,
Da terra a esfera pouca transcendèra.
Novo Alexandre pois, seu peito ovante,
Porque mais Mundo o Mundo lhe nâo dera;
O Reino, que era bem só suspirasse,
Do Ceo supremo quiz que povoasse.

Justo foi, que assim viva sublimado;
Mas nâo que o Reino assim fique abatido:
Porque ser entre os Anjos collocado;
O nâo livra entre os homens de esquecido.

Nâo foste, ó grande Rei, Rei só creado
Para o Ceo; para nós tambem nacido:
Nâo só para troncar vicios profanos,
Mas para defensâo dos Lusitanos.

Consente a nossa queixa; se consente
Attençâo esse Trono, onde subiste:
Que quando a queixa é justa, a dor vehemente,
Rompe o foro ao respeito um peito triste.
Mas ja vejo, que fallo cegamente;
Pois bem que Portugal sem Pedro existe,
Portugal (quando Pedro se apartasse)
Deixou quem o levou quem governasse.

Nâo podia a suprema Providencia
A' palavra faltar sempre observada,
Que nunca ao scetro nosso descendencia
Na prole ha de faltar attenuada.
Nâo temo a successâo, temo a potencia;
Que a tanto Heroe é pouco o Mundo, é nada:
Sò, se estendesse termos mais distantes,
E aumentasse a terra mais que de antes.

Se sómente ao primeiro, que hoje é Quinto,
(Herdeiro digo) vem o Orbe inteiro
Estreito Mappa, Epilogo succinto;
Que Mundo ha de bastar ao derradeiro?
Eterno a Portugal de agora sinto:
Faltam Reinos, nâo falta ao Reino Herdeiro;
Pois hoje nos seguram relevantes
Inclyta geraçâo, altos Infantes.

Soneto.

Epitafio em versos dos Luziadas.

Ouvi o nome engrandecido
Do justo, e duro Pedro: nace *) obrando,
De Naçôes differentes triunfando,
Com vulto alegre, qual do Ceo subido.

Pois contra o Castelhano tam temido
Os fortes Portuguezes incitando;
Contra vontade sua, e nâo rogando,
Pazes **) cômetter manda arrependido.

Mas entre tantas palmas, salteado
Da temerosa morte; fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado:

Que nenhum dizer póde que é primeiro
De um Rei, que temos, alto e sublimado,
Outro Joanne, invicto Cavalleiro.

*) Naceu entre triunfos.

**) Allude à paz de Castella, solicidada pelos mesmos Hespanhoes.

V.

SEBASTIAO BORGES DE BARROS.

Soneto*).

Ao mausoléo do abbade Manuel de Mattos Botelho (irmão do arcebispo da Bahia).

1°.

Esse tumulo egregio, esse aposento
Dos affectos do Emporio Americano,
Se horroroso theatro ao desengano,
Obelisco mayor do sentimento:

Se é compendio de sombras, se instrumento
Da saudade, da dor, mais deshumano,
Como em lutos ostenta soberano
Essa luz, esse lustre, esse ardimento?

*) Transcriptos da *Relação Summaria* etc., publicada pelo Dr. João Borges de Barros, em Lisboa no anno de 1745, in 4°.

Parece, que no horror a luz se infama,
Na vaidade o respeito pervertido,
Quando em mágoa cruel o Mundo inflamma;

Mas oh, que os rayos sâo, que esclarecido
O Sol de Manoel hoje derrama,
De entre as sombras da morte renascido!

2º.

Essa de assombros, fabrica sublime,
Que entre o palido horror a luz desata,
Promulgando nos lutos, que retrata,
Os Sabéos odoriferos, que exprime:

E' de um Fenix a pyra, que se exime
Da ley fatal, que tudo desbarata,
Porque se mais nas cinzas se recata,
A melhores incendios se sublime.

Alumno, e genitor de si, procura
Do Divino Panchayo o ardor fragrante,
Por ter a um tempo o berço, e sepultura:

Assim pois do caduco respirante,
Desde o horroroso pó da morte escura
Renasce à eterna vida triunfante.

VI.

CONEGO FRANC. XAVIER DA SILVA *). 1748.

Soneto.

Maranhâo e Mariana sâo dous mares,
Que por mar cada um delles principia:
Mariana mar de gosto, de alegria;
Maranhâo mar de dores, de pezares

De um e outra paixâo, como exemplares.
Cada qual no seu nome traz a guia;
Elle a Mara passando, ella a Maria,
No amargor, na doçura singulares.

*) Publicamos o seguinte soneto como amostra das poesias de differentes autores sem duvida brazileiros alguns, que se recitaram por occasiâo da posse, em 1748, do 1º bispo de Mariana, que acabava de ser bispo de Maranhâo; por isso que o tema de quasi todos é o que consta deste soneto; amargura do Maranhâo pela ausencia do bispo, e alegria de Marianna pela sua presença.

A inteireza do I figura é clara
Do insigne Bago do Pastor de Jetro,
Quando assiste em Mariana e deixa a Mara.

E sem Bago, ou com elle, soa o metro,
No Maranhão de pena Lyra amara,
Em Mariana de gloria doce plectro.

VII.

Dr. JOAO BORGES DE BARROS *).
1750.

Sonetos.

A' morte de D. Joâo V.

1°.

Do Luso Salamâo, monarca invicto,
Todo o Universo a perda infausta sente;
Porque a quanto illumina o Sol ardente,
Chega do Imperio seu o amplo districto.

Da immensa dor o circular conflicto
Ao Setimo Triâo, ao Austro ingente,
Ao Berço Eóo, à Plaga do Occidente,
Verte igualmente o pranto, forma o grito.

*) Tanto as poesias deste autor, como as dos tres que seguem e as de Itaparica, contidas no *Supplemento Primeiro* de p. 247 a 251, foram impressas em 1753, em Lisboa, no livro in-folio „*Relaçâo Panegyrica das honras funeraes que consagrou a Bahia*“ etc. pelo proprio Dr. Joâo Borges de Barros.

E inda a Circulos novos se estendera
De affectos immortaes fineza rara,
Em fé de quanto amára o que perdêra.

Não cabe em fim no mundo a dor amara:
Novos orbes suspira, nova esféra;
Pois se mais mundo houvera, lá chegàra.

2º.

Foi Salamão no dote da sciencia,
Do regio throno singular ornato:
Da riqueza, com maximo apparato,
Teve, qual Salamão, toda a affluencia.

Ao culto sacro prodiga assistencia,
Qual Salamão, prestou sempre a Deos grato;
De Salamão na paz foi o retrato,
Com dócil coração, branda clemencia.

Foi gentil, justo, e pio; e em fim notoria
Semelhança lhe fez, sem menor falta,
Dando assumpto immortal a nova historia:

Mas sobre Salamão tanto se esmalta
Do egregio successor na illustre gloria.
Quanto Joseph a Roboão se exalta.

VIII.

SILVESTRE DE OLIVEIRA SERPA.
1750.

Canção.

O Monarca das luzes proeminente,
Que dá com seu esplendor glorias ao dia,
Pompa da Esféra, em que todo o vivente
Dos olhos a pezar tem alegria:
No zenith quando alarde
Faz das brilhantes luzes,
Arrastra sobre a tarde
Os funebres capuzes,
E acha no mar, que as luzes lhe retrata,
Mausoléo de crystal, urna de prata.

O agradavel jardim, que tão florido
Se ostenta, na manhãa alegre e clara,
Dos ardores da calma combatido,
Murcha de tarde a pompa, que o exaltàra:
Porque o Sol violento
As folhas desbarata,

Quando a força do vento
As flores lhe arrebata.
Quem cuidàra que tanta bizarria
Teria a duraçâo menos de um dia!

Ramalhete animado o passarinho,
Que as flores desafia e galantêa,
Brincando alegre em um, e outro raminho
Com quebro natural solfas gorgêa.
Quando mais descuidado
Do ar goza o indulto,
Se acha prezo e atado
No laço ali occulto.
Avezinha infeliz, que com engano
Entre flores tiveste o mayor damno!

O edificio eminente, a torre erguida,
D'arte primor, escandalo do vento,
Que vendo-se das nuvens competida,
Levanta a grimpa ao alto firmamento.
De repente assaltada
Do furacâo vehemente,
A pompa arruinada
Em breve espaço sente.
Dura sorte! que a torre em tanta altura
Sugeita esteja a uma desventura!

Assim o Fidelissimo Monarca,
Da Lusitania Sol resplandecente,
Ao duro golpe de traidora Parca,
A pezar nosso vê-se no Occidente.
Como jardim sem flores,
Qual ave em prizâo dura,

Da tuba nos horrores
Em estancia escura;
Não lhe valeu ser torre peregrina,
Para escapar à ultima ruina.

Nove annos resistiu ao fero assalto
Da doença varias vezes repetido,
Se do seu proprio esforço nunca falto,
De auxilio superior sempre assistido.
Nessas adversidades
Tinha a sacra Aurora,
Que das Necessidades
E' divina Senhora,
E do mal contra a furia repetida
De escudos mil foi Torre guarnecida.

De suas forças o braço, que é o direito;
Empenhou a favor da Igreja Santa;
O mal por isso tendo-lhe respeito
Sómente o braço esquerdo lhe quebranta.
Foi alta providencia
Do Senhor soberano,
Se outra vez à pendencia
Tornasse o Otomano,
Que no escudo real das sacras Quinas
Teria o Turco infiel mortaes ruinas.

Esse mesmo feliz e regio braço,
Que com mão liberal, que com grandeza
Para o culto de Deos não foi escaço,
Nem avarento foi para a probeza;
Sempre incorrupto e forte,
Nos seculos futuros

Gozará contra a morte
Privilegios seguros:
Será de Portugal eterno gozo
A mão próvida, o braço officioso.

Tambem livre de tanta violencia
Viu-se a cabeça por mercê divina,
Que da sabedoria e da prudencia
Com grande admiração era officina.
Jaz agora escondida
Em silencio profundo;
Mas ainda temida
Dos Principes do Mundo;
Que as suas normas no geral conceito
Vivas ainda estão para o respeito.

Um Rei tão sabio, um Rei tão poderoso,
Que dos Vassallos seus por maior gloria
Mostrando-se na Europa generoso
Com a paz soube conseguir victoria.
Deixando ao Mundo absorto
Na morte intempestiva,
Inda depois de morto
E' preciso que viva;
E em sinal de victoria preeminente
O tumulo escolheu em São Vicente.

Mas ah! Musa! suspende o enthusiasmo,
Que deste Rei o transito penoso
Sendo para o Universo assombro e pasmo,
Ha de ser para a Historia assumpto honroso;
E ao discurso a razão discreta aponta,
Que a fama o tem tomado à sua conta.

Já é, Senhora, forçoso,
Que deixeis pezar tão justo;
Vivo em vosso Filho Augusto
Tendes o defunto Esposo.

Já que vos deixou com vida,
Senhora, a parca cruel,
Quando roubou de um docel
A vossa Prenda querida:
Como Rainha entendida
Suspendei o mal penoso:
Crede, que em eterno goso
Está vosso Esposo vivo,
Vede que este lenitivo
Já é, Senhora, forçoso.

Bem sei que é justo o pezar
De vos veres dividida
De um corpo, em que tinheis vida
Com uniâo singular:
Mas se elle chega a gosar
Vida da morte sem susto;
Perolas de tanto custo
Reprimi no coraçâo,
Que em tanta gloria é razâo,
Que deixeis pezar tâo justo.

Sei que aquella Magestade,
Sei que aquella gentileza,
Vos ha de causar tristeza,
Vos ha de fazer saudade.
E aqui tambem com verdade

Achais um alivio justo,
Que da verdade sem susto
Dicta o amor e a razão,
Que tendes ao Rei Dom João
Vivo em vosso Filho Augusto.

Vossa memoria applicai
(Quando eu só me maravilho)
Que do Pai a este Filho
Nenhuma distancia vai.
Vivo o Filho, e vivo o Pai
Venera o Reino amoroso:
Trocai pois a pena em goso,
Que a impulsos de amor activo
Em nossos corações vivo
Tendes o defunto Esposo.

Para o Brazil mostras dar
Da extensão do seu tormento,
Pede suspiros ao vento
Supplica prantos ao mar.

O Monarca Lusitano
João o Quinto, sem segundo,
Faleceu, pezar profundo
Sente o Orbe Americano.
Da Parca o golpe tiranno
Vêm-se os bronzes lamentar,
Turbou-se a terra e o mar,
E acalmou em fim o vento,
Inda é pouco sentimento
Para o Brazil mostras dar.

Neste pezar verdadeiro
Quando o Brazil mais se inflamma,
Pede logo à veloz Fama,
Que dê parte ao Mundo inteiro.
E bem que não é primeiro
Em tão justo sentimento;
Com clamores cento a cento
Quer por idéa entendida,
Que o Mundo seja a medida
Da extensão do seu tormento.

Quando se mostra a afflicção
Em seus pezares crescida,
Causa syncopes à vida,
Desmayos ao coração.
Neste mal, nesta paixão
Tem o Brazil seu tormento;
Pois que faltando-lhe o alento,
Muda a voz, o peito rouco,
Para respirar um pouco
Pede suspiros ao vento.

Da pena e amor na fragoa
Com lagrimas mil a mil
Receya triste o Brazil,
Lhe falte nos olhos agoa:
E por augmentar a mágoa
Sem dar alivio ao pezar,
Para um perpetuo chorar
Da saudade sem desvios,
Pede lagrimas aos rios,
Supplica prantos ao mar.

IX.

P. JOSE DE OLIVEIRA SERPA.

Glosa ao mote de pag. 36.

Do seu Rei, e seu Senhor
Sente o Brasil tanto a morte
Que intenta de alguma sorte
Dar mostras da sua dor.
Deste damno o cruel rigor
Nâo tem com que comparar:
Toda a terra e todo o mar
Na sua extensâo contemplo,
Nem póde haver outro exemplo
Para o Brazil mostras dar.

Tâo extensa é sua dor,
Como é sua causa intensa,
E assim fica a mágoa immensa,
Porque era immenso o amor.
De tantas penas o horror

Mal cabe no pensamento:
E por mostrar seu intento
Medir a esféra deseja,
Para que retrato seja
Da extensão do seu tormento.

Em suspiros se desata
Da sua saudade effeito,
Mas não desafoga o peito,
Nem pelo alivio se mata.
Do ar nos páramos retrata
O excesso de seu tormento;
E se fraquea o alento
Do peito na ardente fragoa,
Para esforçar sua mágoa
Pede suspiros ao vento.

Correm lagrimas a fios,
Não cessa o continuo pranto,
E com ter chorado tanto,
A mágoa não tem desvios.
Os seus dous mayores Rios
Neste pranto ha de esgotar;
E quando em fim quer chorar
A morte de seu Senhor,
Por credito da sua dor
Supplica prantos ao mar.

Decima.

Chorava Europa em Lisboa,
A America na Bahia,
Africa em Loanda sentia,
Asia lamentava em Goa.

Por todo Orbe a Fama entoa
Com senti mento profundo,
Que este rei sabio e jacundo.
Da cruel Parca troféo,
Se nâo fôra para o Ceo,
Puzera em paz todo o Mundo

Soneto.

A' perda, em um naufragio, da primeira remessa a Lisboa do Manuscripto acerca destas Exequias.

De America à Europa transportado
Da Bahia o pezar quando se via,
Ao impulso fatal da morte impîa
No crystallino centro é sepultado.

Com violencia das ondas soçobrado
Foi o baixel, que a Historia conduzia:
Sim; porque o sentimento da Bahia
Era grande, era muito, era pezado.

O Bahiense amor ainda accezo
Mostrava no papel a ardente fragoa,
Com que ama ao Rei, da Morte com desprezo.

Tragico fim! mas proprio à nossa mágoa,
Que era fraco o baixel a tanto pezo,
Se a tanto fogo o Mar era pouca agoa.

X.

JERONYMO SODRÉ PEREIRA.

Soneto.

E' morto o Fidelissimo Monarca,
De Lysia amado Rei! quem tal diria!
E' morto; pois já sôa na Bahia
A perda, que nos deu a cruel Parca.

A quanto o Sol rodêa e o mar abarca,
Creyo que a nossa magoa chegaria;
Dos olhos se ausentou; morreu no dia
De Santo Ignacio, o grande Patriarca.

Porém morto o nâo quer ter a memoria,
Por gozar de Joâo a Magestade
A graça nesta vida transitoria:

Peis mostra a fé mais pia com verdade,
Que elle vivo estará na eterna Gloria,
Nós neste Mundo mortos de saudade.

XI.

Dr. *) JOSE PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE.

Do *Culto Metrico* á Virgem da Conceiçâo, poema de mui pouco merito na verdade, só é conhecido o exemplar da 2ª edição (Lisboa 1760), que possue o Sr. Jorge Cesar de Figaniére. Comprehende o 2º canto com 119 estancias, que nâo se continha na 1ª edição. E' um vol. de XXII—102 paginas de 4º. O 1º canto contêm 89 estancias, das quaes nos limitaremos a transcrever as tres seguintes, que sâo as 56ª, 66ª e 80ª.

Depois em fim, oh Virgem pura e bella,
Que trouxestes no ventre o Rei da gloria,
Ficais sem corrupçâo pura donzella,

*) Em Canones, ex-provedor d'Alemquer, alcaide mór de Maragogipe, Secretario do Estado do Brazil e Censor dos Renascidos. Na „Relação Panegyrica", de que fizemos menção, se encontra um soneto deste autor.

Tendo-o já dado ao mundo em luz notoria
Fostes divina, scintillante estrella,
Que a luz nos dais melhor para a vitoria:
Mas que muito se o Deos do vencimento
Em vossos braços posto admiro attento.

Sâo vossos braços throno a Deos menino,
E' vosso seio o Ceo, em que se adora,
E sendo de justiça Sol benino
O tornais todo amante, alta Senhora:
Porque se em vós achou o Sol Divino
Throno, Sol, Oriente, Esfera, Aurora,
Mitigou tanto em vós o ser ardente,
Que ficou todo brando o Omnipotente.

Recebei esta offerta limitada
Da minha devoçâo no sacrificio,
Que em tosca lyra menos temperada
Vos dá do meu dezejo humilde indicio:
Bem quizera que fosse sublimada
A musica que entoo em vosso auspicio;
Mas porque nada posso, como vejo,
Aceitai-me os affectos do dezejo.

XII.

ANTONIO CORDEIRO DA SILVA *)
1752.

Ao Governador Gomes Freire, soccorrendo a Colonia.

Excelso Freire, em cuja illustre vêa
Inda hoje pulla aquelle sangue Hesperio;
De que tanto se anima e lizongêa
Rausona, irmâo do Augusto Desiderio:
Esse, que em Lombardîa o sceptro altêa
Com valor tâo ousado, altivo imperio,
Que pretende guerreiro e denodado,
Ser do Mundo terror, do Ceo cuidado.

Vós, a quem o clarim desinquieto,
Porquanto rega o Tejo, ara o Pactolo,

*) Copiamos a composição que damos deste poeta, autor de varias outras, bem como as dos cinco immediatos, do volume *„Jubilos da America"*, publicado em Lisboa em 1754 por Manuel Tavares de Sequeira e Sá.

Acclama valoroso, expôem discreto,
Alma de Marte, coraçâo de Apollo:
Pois tanto deste e aquelle Astro inquieto
A Esfera illuminais, luzis o Polo,
Que vos cede contente, alegre doa,
Quando Marte o bastâo, Apollo a croa.

Vós, cujo nome generoso e claro
Mais estatuas merece e mais louvores,
Que marmores branquea a nivea Paro,
Que Arabia cheiros tem, Campania flores
Em cujo animo esplendido e preclaro
Tantos se admiram exoticos primores,
Que de nâo costumada, nas que acclama,
Causam vossas acçoens assombro á Fama.

Agora me inspirai, com doce agrado,
Um forte influxo, ûa harmonia fina,
Com que ûa vossa acçâo, de eterno brado,
Possa ao plectro cantar, que a Musa affina:
Que se eu, de vosso espirito animado,
Beber de Pimpla a copia crystállina,
Farei que a voz, por Vós, com fausto agouro,
Seja um clarim de prata, em bocca de ouro.

Era a estaçâo fructuosa, a idade brava,
Em que o fecundo valle, o celso monte,
Dos pomos, que Pomona sazonava,
Enriquecia o seyo, ornava a fronte:

Neste tempo o Pastor de Admeto e
trava
No Animal, que mordeu ao destro Oriont
Turvo o ribeiro o campo discerria,
Bramava o vento, o mar se enfurecia:

Quando, ao mar dando susto, á terra med
Com o tremendo poder, copia excessiva,
Sobre a Colonia, intrepido Salcedo,
Se posta ufano, com arrogancia altiva:
E como traz no pensamento lédo
A Praça já sujeita á furia esquiva,
Desta posse na doce confiança,
Olhava com desdem para a esperança.

Campos talando, e montes opprimindo,
Vem de Tapis um corpo innumeroso,
Que em seu soccorro, rege, conduzindo
Um Peruano atrevido e valorozo:
Os quaes, como costumam, despedindo
De suas vozes o estrondo pavorozo,
Lograram, com audace atrevimento,
Ferir o ceo, e estremezer o vento.

Nâo tantas ergue o tumido Oceano
Espumas crespas, na campanha errante,
Quando o cruel Harpactas inurbano
Sobre elle cahe, com impeto bramante:
Nâo tanto um Terremoto deshumano
Estampido levanta ao ceo rotante
Como os Tapis, com estro enfurecidos
Conduzem gentes, rompem em alaridos.

Chegado em fim o campo armipotente
A pôr a nossa Praça em sitio duro,
Planta o ataque em sitio conveniente,
Bate com o voraz bronze o forte muro:
Mas aturando este a furia ardente,
Zomba da bateria tâo seguro,
Como o marino escolho burla immoto
Do mar a sanha, a cólera de Noto.

Ao fremîdo feroz da artilheria,
Que de ûa, e outra parte laborava,
A terra se queixava, o ar gemia,
Bramava a gruta, a penha retumbava:
De temeroso, ao mar retrocedia
O vasto Paraguay a espuma brava:
E até da linda Clicie o Deos amado
Um pouco a luz perdeu como enfiado.

Torna outra vez tyranno o bronze activo
A atormentar o muro reluctante.
Com força tâo cruel, trato excessivo,
Que muros desfizera de diamante:
Mas nâo se perturbando o muro altivo
A tanto affar ardente e resonante,
Pelas boccas do cobre ignipotente
Responde ao dâno, em dâno mais vehemente.

Mas sendo do Inimigo a insistencia
Cada vez mais atroz e mais ignita
Bem que provava dura resistencia,
Com ella mais se aggrava, e mais se irrita:

E assim com pertinace, ardua violencia,
Do canhão tanto as projscçoens excita,
Que conseguio, em horrida batalha,
Lançar por terra um lanço da muralha.

Acodem logo os bravos defensores
A reparar do muro a destructura,
Qual costumam os Dèdalos voadores
Redimir de suas cellas a rotura:
Alli de Lysia aos emulos mayores
Mostraram com coragem ardente e dura
Que onde estão Portuguezes valorosos
Frustraneos sâo os muros alterosos.

E bem que em nós, com animo sanhudo,
Com ousadia furibunda e intensa,
Tão valente é a espada, como o escudo,
Tão forte a offensão, como a defensa:
De Hespanha agora ao capitão membrudo,
E do Tapi arrogante á turba immensa,
Lhes mostrámos, com rápido ardimento,
Que era mais o valor que o soffrimento.

Ao campo saem, de seu peito armados,
Os Lusitanos rîgidos e austeros,
E quanto encontram, prostram denodados,
A quanto se lhe oppôem, derrubão féros.
Por toda a parte vibram, de esforçados,
Estocadas crueis, golpes severos:
Quanto aos olhos se expôem, quanto aos ouvidos,
Sâo cabeças truncadas e ais sentidos.

Repetem as sortidas e os rebates,
E em todos foi unanime o successo,
E so houve differença nos debates,
Foi fazer-se o valor reo pelo excesso:
Dam-lhe tâo asperissimos combates,
Fazem nas armas tâo gentil progresso,
Que parece que Marte, em seu reforço,
Seus peitos arma de seu proprio esforço.

Assim fulminam golpes sanguinarios,
Assim vibram o alfange furibundo,
Como quando, com rayos temerarios,
Jove os montes soterra, ameaça o mundo:
Tanto nos choques, nos encontros varios
Seu valor acricolam indignabundo,
Que Cadmo na seara de seus dentes
Nâo viu colheita de homens mais valentes.

E como avaliavam por injuria
Da Praça o cerco férvido e tremendo,
Com mais sâgue do que agoa leva o Turia
Determinam lavar o aggravo horrendo:
Nâo perdoando por isto a raiva, ou furia,
Tantas clades e estragos vâo fazendo,
Que inda que foi immensa a culpa ou reato,
Sobejou a vingança ao desacato.

Nâo cessou neste tempo o som terrivel
Da Lusitana tuba bellicosa
De incitar ao conflicto atroz e horrivel
A gente mais que todas valorosa:

Nem cessa a Lusa espada irresistivel
De mostrar-se tâo crua e sanguinosa,
Que com o sangue, que verte, e que
perde,
Trocou, em mar vermelho, o campo verd

Querer contar os golpes e as feridas,
Que o braço Portuguez deu duro e fort
Quantas Indas alli, Iberias vidas
Exhalaram o vigor, bebêram a morte;
E' numerar as furias dos Atrîdas,
E' supputar as iras de Mavorte:
Nâo o estranhem os doutos e eruditos,
Pois foram os golpes mais do que i
finitos.

Já maldizêndo a Coya Peruana,
Já imprecando o capitâo da empreza,
A Indica Naçâo e a Castelhana
Cedem ao valor da gente Portugueza:
Tambem Salcedo a arrogancia ufana
Das nossas armas cede á gentileza:
E um temor concebendo imbelle ou Scyth
Desceu da opiniâo, e ergueu o sitio.

Desiste da cruenta e dura guerra,
E da empreza cessando endurecîda,
Avictoria nos deixa e a terra,
Contente de nos nâo deixar a vida:
Já por uma, e por outra estancia erra
Com tâo fero pesar, dor tâo subida,

Que no mal, que o perturba e que o assombra,
Por mais horrivel tem a luz que a sombra.

Alegre, claro, triste e macilento
Para nós, e Hespanhoes foi este dia:
A nós de gosto, a elles de lamento,
A uns de applauso, a outros de agonia:
Declarado por nós o vencimento,
Por elles declarada a sorte impia,
Da Quinta Esfera o Deos croa e reveste
A nós de louro, a elles de cypreste.

Desta luzida e prospera victoria,
Deste tropheo sumptuoso, altivo, eterno.
A quem, se nâo á vós, se deve a glória,
Quem, se nâo vós, foi delle o author superno?
Vós, a quem nos archivos da memoria
Ha de guardar o evo sempiterno,
Com valor, que influido a todos salva,
D'aquella Elvas fostes o Marialva.

Vós fizestes, dynasta esclarecido,
Com os esforços da vossa vigilancia,
Que o Salcedo arrogante e atrevido
Nâo fosse o Scipião dessa Numancia:
A excessos do valor reproduzido,
Para opprimir-lhe a barbara jactancia,
Conseguistes estar, sem ceremonia,
Juntamente no Rio e na Colonia.

Vós sempre aquella praça petrechastes
De muniçoens, de viveres, de alentos;
E peloque antevistes e avizastes,
Viu baldados Salcedo os seus intentos:
Tâo prompto nos soccorros vos mostrastes,
Prevenistes tâo breve os provimentos,
Que em ûa, o outra, aquella, esta occurencia,
Vencia ao pensamento a diligencia.

A nâo ser, Claro FREIRE, o vosso aviso
De tâo illustre e superior esfera,
A nâo ter o valor, que em Vós diviso,
De Marte a condiçâo, que esforços gera;
Fora da sorte o dâno tâo preciso,
Que a Colonia se entrara ou se perdera:
Com que ou fosse valor, aviso, ou traça,
Vós fostes redemptor d'aquelle Praça.

Por isso, ó FREIRE generoso e illustre,
Por isso, ó Lusitano excelso Marte,
Desse triumpho, que nunca o tempo frustre,
Comvosco a melhor parte o Ceo reparte:
Que como lhe influistes ser e lustre,
A vós se deve a mais luzida parte:
Qual producçâo de serra diamantina,
Que mais deve ás estrellas, do que á mina.

Se pois por esta acçâo gloriosa tanto
Vosso Nome modûlo peregrino
Com grosseiro furor, com humilde canto,
Em plectro menos aureo, e menos fino:

As mais acçoens, que sâo da fama espanto,
Cante engenho mais attico e divino,
Té que de vosso nome sem segundo
Seja annalista o sol, volume o mundo *).

*) Este poeta, bacharel em Canones, e capitâo de Infanteria do Rio de Janeiro, deixou mais um soneto e um romance hendecasyllabo a este assumpto, e outro romance analoga á Conceiçâo da Virgem, que com o titulo de „*Maria Immaculada*“ publicou em Lisboa em 1760, em XXXII-68 paginas in 4. Innoc. I, 114.

XIII.

ANGELA DE AMARAL RANGEL.

(Cega de nascença.)

Soneto.

Illustre General, vossa Excellencia
Foi por tantas Virtudes merecida,
Que, sendo já de todos conhecida,
Muito poucos lhe fazem competencia:

Se tudo obrais por alta intelligencia,
De Deos a graça tendes adquirida,
Do Monarcha um affecto sem medida,
E do Povo úa humilde obediencia:

No catholico zelo, e na lealdade
Tendes vossa esperança bem fundada;
Que, na prezente e na futura idade,

Ha de ser a virtude premiada
Na terra com feliz serenidade,
E nos ceos com a gloria eternizada.

Romance lyrico.

Fundar casa para Dios
En un desierto pais,
Solo una Illustre Excelencia
Lo pudiera conseguir.

Hazer corte a un desierto
Tan opulenta, e feliz,
Que de octava maravilha
Bien pudiera presumir.

Es esa fabrica hermosa
O ese hermoso pensil
De candidas Asucenas
Un bellisimo jardin.

Corte de la Primavera,
Adó siempre hade asistir
Sin dependencias de Mayo,
Y sin favores de Abril.

Pues corre por vuestra cuenta,
A ese Vergel conduzir
Divinas flores que el Alva,
No las pueda competir.

Es un nuevo Paraiso,
Porque se suele dezir,
Que es cada Theresia un Angel,
Cada Monja un Serafin.

Dó, apezar del Inferno,
Hande brillar y luzir
Prodigios de ciento en ciento
Virtudes de mil en mil.

Dese sagrado Palacio
Quiziste el nombre excluir,
Que no quizo la modestia
Tal vanidad consentir.

Diziendo que solo à Dios
Se ha de alabar y servir,
Que solo su nombre santo
Alli se ha de proferir.

Vivid edades Nestorias
Gloria de Vuestro Brasil,
O como el Ave de Arabia,
Que muere para vivir.

XIV.

Dr. SIMAO PEREIRA DE SA *).

Pulse o plectro o Canóro movimento,
Calliope me inspire novo alento,
Ferindo o firmamento o ecco agudo,
Que o Catadûpa intenta fazer mudo;
E animado de força poderoza,
Cantará minha Musa sonoróza.
Jà levo á bocca a trompa,
E os ares tanto rompa,
Que rouca por cantar e emmudecida,
Admirada se fique, ou suspendida.
A clara Aganippe encrespando escumas
Levante de crystal flamantes plumas:
Tambem por Primaveras
De purpuras se vistam as esferas.

*) Deste fluminense encontram-se na mesma collecção outras composições mais. Vimos tambem de sua penna, em manuscripto, os *Conceitos jocoserios*, em 25 cartas em prosa (a primeira acerca do incendio do convento de S. Bento), e as *Erudições Jocosas* em verso.

Que o Principe do dia, e mais das luzes,
Sahindo dessa quarta galeria,
Por Freire illustra a douta Academia.
Estatuas lhe levanta,
Applausos lhe decanta,
Porque, fundando em Deos a mór ventu
Em templos, seus agrados mais procura:
Virtude sem segunda,
Que só em Deos se funda,
Confessando discreto,
Que quem a Deos dá tudo totalmente
Logra os timbres na terra de prudente,
E lá no sacro Empireo patria eterna,
Os gostos, premios, gloria sempiterna.
Em Maximas Christãas tão singulares,
Que rompendo assombrozas esses ares,
Um heróe, um Antêo o mundo acclama,
Por mil boccas tambem o julga a Fama.
Desse barbaro feroz e arrogante
Sua espada valente e militante,
Será, com feliz sorte,
O que dezate e corte
Outro Gordio mais cego que o valente
Macedonio cortou com mão potente.
Agora mais que aquelle soberano,
Sendo o credito, e o lustre Lusitano,
Alexandre segundo,
A vossos pés rendido todo o mundo,
Vos acclamam sem força, nem violencia,
Primeiro luminar do Luzo Imperio,
Que o sceptro segurais neste hemisterio.
Se na passada idade

Vos conhecêra o seculo dourado,
Alma foreis de Marte celebrado,
Como altiva publica (e ainda diz pouco)
A Marcial consonancia estrondo rouco.
Explendor sem segundo,
Que coraçoens attrahe do novo Mundo,
Sacrificios vos rendo tão devotos
Que ennobrecem os cultos a meus votos,
Pois trazendo á memoria,
Dia tão fausto em repetída gloria,
O silencio será, em bello espanto,
Vegetavel volume do meu Canto.

XV.

P. ANTONIO JOSE GOMES DA COSTA.

Ao Secretario da Academia dos Selectos
M. Tavares de Sequeira e Sa.

Dispende, Apollo, desse sacro Coro,
E altivo em tudo, as luzes, que te implôro,
Para meu desempenho,
E lustre, em fim, cabal do meu engenho;
Sendo encomio, que pede, este tâo grave,
Nobre Musa, alta voz, lyra suave.

Para assumpto elevado,
Que plectro era melhor, mais sublimado,
Que essa lyra com vozes sempre bellas,
Que pulsa encordoada entre as Estrellas?
Solta pois a corrente
Dessas agoas do Pindo, transparente.

Doce Canto formára:
Mas quem me nâo notára

Fazer, com novo espanto,
De assumpto festival nocturno Canto,
Tocando lyra, bem que acórde toda,
Que só da noite á solfa se accomoda?

A tudo expôr-me quero,
Só porque, em fim, applauda a quem venero.
Apollo me acompanhe,
Porque altivos louvores desentranhe,
Ao compasso da lyra,
Meu peito, que contente hoje respira.

E' Tavares o objecto,
A quem louvar pretende o meu affecto,
A elle hoje as minhas vozes
Em fugas se terminam mui velozes;
Pois é de seu talento a galhardia
Brazão de Apollo, lustre de Thalia.

Aqui meu instrumento
Parára obsequiozo o seu concento
Inculto e desabrido;
Se, do seu plectro aos rasgos suspendido,
O nâo julgasse o mundo, sem engano,
Doce Amphião, discreto Lusitano.

Por isso continúa
Ainda o seu toque a lyra, que gradúa
Feliz a vossa dita,
Comque na Academia se acredita
Vosso Nome immortal, ó generozo
Tavares, de Helicon Principe airozo.

Agora immortaliza
A Fama a vossa penna, que eterniza
A vossa gloria, quando
Da vaga Trompa o brado reforçando,
Qual gigantino dedo, em voz preclara,
Indice faz da corpulencia rara.

Só Vós, douto Tavares,
Que Apollo vos dedique seus altares
Mereceis por exemplo
A Post'ridade, e que em seu nobre templo
Vos colloque por brio;
Pois o confessa assim todo este Rio.

Nos Annaes celebrados
Esta gloria (porque perpetuados
Fiquem vossos louvores)
Se assente; porque a Fama aos vividores
Applausos vossos, cante, em voz notoria,
Immortal o louvor, eterna a glória.

XVI.

Dr. RODRIGO DE SEIXAS BRANDÃO.

Sonetos.

1º.

Fugir á ostentação, que o mundo estima,
Desprezar o louvor, que o genio abraça,
Não é da terra productiva graça,
E' virtude especial, que vem de cima.

Andrada o nome occulta, quando gnima
Um novo Ceo na terra. Há quem tal faça!
Se em qualquer invenção, que o homem traça,
Quer logo que o seu nome se lhe imprima.

Como por Deos na terra o nome occulta,
Melhor o manifesta, sem vaidade,
Pela gloria immortal, que lhe rezulta;

Porque do animo pela heroicidade,
Com que a expressão do Nome difficulta,
No grande livro o expõem da Eternidade.

2º.

Por armas, cujo sequito excitava
De Gomes Freire o espirito animozo,
As letras repudîa, em que famozo
Alumno de Minerva se ostentava:

Ao belligero estrondo o affervorava
De seus antepassados o gloriozo
Nome excelso, que em lance victoriozo
Conseguiram, e Gomes só prezava.

Mas sendo armas, ou letras, geralmente,
As que fazem ao homem conhecido,
Fez-se em letras por armas excellente;

Porque quando dos seus segue o partido,
Quem duvîda que entâo gloriozamente
As armas lhe daô nome de entendido.

XVII.

Dr. THOMAZ RUBY DE BARROS BARRETO.

Sonetos.

1º.

Quebra-se o bronze, a pedra se arruina,
Consome-se o buril na eternidade,
A inscripçâo, monumento, a antiguidade
Tudo acaba, tem fim, tudo termina.

Do que a Deos se tributa e se destina,
Querer parte, nâo é de heroicidade,
Antes sim é vangloria, ou é vaidade,
Que na infame jactancia predomina.

Dá a Deos este heróe um templo, e hospicio;
E porque das offertas nada tome,
Até das inscripçoens faz sacrificio.

Mas julgo, porque as glorias bem lhe
Que occultar o seu nome no edificio
Foi meio de exprimir mais o seu

2º.

De fortes inimigos nâo se alcança
O triunfo só a estîmulos do braço,
Mais faz a diligencia e o cansaço
De um general de próvida ordenanç

A faltar o conselho, ou ter tardança
Servirá o valor só de embaraço,
Sendo o estrago primeiro, que o an
E perda, o que até alli era esperan

Nâo padeceu tâo triste e infausta est
A Colonia immortal do Sacramento
Sitiada das Armas de Castella.

Pois teve para o fim do vencimento
Deste heróe diligencias por cautéla,
Direcçoens de seu grande entendime

XVIII.

ANTONIO JOSE VAZ *).

Cantico.

acção de graças a Deus, no dia anni-
sario do natalicio de Principe regente
(13 de maio 1810).

sa das Causas Portentoso Ente,
or Quem reinam os Reis,
mais amavel PRINCIPE REGENTE
umera justas Leis:
como conta venturosos annos,
que exultam fieis Americanos.

Saturno, a cantar-te aspira a Muza,
assar o anel chumbado,

*) Na propria dedicatoria diz: „que todos os fieis
llos brazileiros *devemos*“ etc.

E sem recear encontros de Meduza
No vôo arrebatado,
Na regiâo, que monstros nâo rezerva,
Vai ver auspicios da melhor Minerva.

Já me sinto elevar sobre as esferas
Desses nadantes mundos,
As orbitas já deixo, as atmosferas,
Desses Globos rotundos;
Já chego ao Ceo das nitidas Estrellas,
Aonde o Astro que invoco as faz mais bellas.

Tu me inspiras, beneficia me inflammas,
Aurora Soberana:
Minha Alma toda electrizada em chammas
Fervida e ufana,
Nâo teme de trazer fogo do Ceo,
Melhor que Richeman, que Prometheo.

Tu que na lente ustoria da malicia,
Voltar abrazadores,
Da popular prezumes impericia,
Os raios criadores
Da revelada Luz, encaminhante
Da razâo sempre fraca e desvairante.

Tu agora mortal; que entorpecido
No orgulho do Atheismo,
Cerrando a vista, ensurdecendo o ouvido,
Segues um scepticismo;
Eu te obtesto, que attendas ao meu Hymno
Verás nas obras um Author Divino.

Em duplice vertigem se movia
A machina do mundo *),
E o ar, que a atmosfera lhe cubria
Movia-se segundo
As Leis de atracção e gravidade,
Que o Grande Pai lhe impoz da Eternidade.

A opaca Lua, Satelite constante,
Os passos lhe seguia;
E á proporção, que ao Sol firme e distante,
Voltava-se, ou fugia,
Ora dias e noites se alternavam,
Ora as estações se transmutavam.

No grande e no pequeno se admirava
A Sabia Providencia;
O insecto, o Elefante, indicios dava
De tanta Omnipotencia,
Que de atomos formára os Elementos,
Principios de tantos mil portentos.

Da antiga noite desse cahos horrendo
Surgira de repente
Um theatro de prodigios estupendo,
Que transportava a mente;
Já toda a Natureza proclamára,
Um Deos Grande, que o plano lhe traçára.

Que linhas bem tiradas a infinito:
Do centro da materia!

*) Dito por hypotese.

Que luzimento aos Astros circumscripto
  Na regiâo etheria!
Que pezos graduados, que excellentes
Proporçôes, aos fins correspondentes!

Que solidos em fluidos nadantes
  Opacos e sombrios,
Nos espaços, que Astronomos errantes
  Supporiam vazios!
Que voloes inflammados, d'onde os raios
Sahindo troam nuncios de desmaios!

Que depozito immenso e espantoso
  De agoas e de neve?
Que alastrado granizo montuoso,
  Que se sustenta leve,
Sobre os ares ramosos, d'onde os ventos
Ou resonam, ou surgem violentos!...

Mas, onde vás, o Musa, arrebatada
  As nuvens traspassando?
Acazo em mar e terra authenticada,
  Nâo pódes ir mostrando
A mesma idéa da GRANDE OMNIPOTENCIA?
Que em tudo fez sellar sua Providencia?...

Abatte um pouco as azas, e observando
  A esferoida figura
Da terra a que os mares rodeando,
  Lhe formam a estructura,
Olha que admiravel symmetria,
Que engenhosa e sublime Geometria!...

Tu já te remontaste a essas Estrellas,
  Agora aos fundos mares
Ah? desce a contemplar coisas tão bellas,
  Como viste nos ares,
Olha como da Lua pelo influxo,
Bolindo estão as Ondas em refluxo!...

Ai, se ellas dormissem estagnadas,
  Que malles causariam!
Pelo Sol em vapores exhaladas
  Tudo empestariam....
Mas, aqui vem Prometheo todo cansado,
Conduzindo o rebanho de seu gado.

Olha que vasto Imperio numerozo
  De mudos differentes?
Ricas perolas, o aljofar precioso,
  Corais mais excellentes,
Tudo se cria neste humido Elemento,
Que pasmo, que prodigio, que portento!

Porém que novo encanto me surprende!
  Que vistas sobre a terra!
Que nova maravilha que transcende
  Quantas Natura encerra?
Um Ente de mais alta dignidade
Eu diviso em quem brilha a Divindade.

Eu o vejo de aspecto magestozo,
  Sublime e levantado,
De graças mil compendio volumozo,
  Universo abreviado;

Que obra, nâo por instincto maquinal,
Mas por ordem de uma, Alma racional.

Eu o vejo absoluto Soberano,
Cuja voz dominante
Dispoem dos Astros, Ventos e Oceano,
Vejo que a turba errante
Dos animaes indoceis lhe obedece,
Que tudo aos seus desejos comparece.

Eu o vejo em Campo delicioso
De flores matizado,
Aonde destilla aroma especioso
Um cheiro delicado;
E as abelhas amigas da fragrancia,
Fabricam sempre meliflua abundancia.

Onde Ceres, Pomona, o seu thesoiro
Abrindo lhe offerecem,
E as ricas messes e os pomos de oiro
A um tempo madurecem;
Onde em fim sempre reina a Primavera,
E do Inverno o rigor já mais se espera.

Mais ai, que neste bello Paraizo,
Em fontes cristalino,
Lá tropeça no espelho de Narcizo,
E julga-se Divino:
Lá perde as graças, perde a formosura.
Ri-se a Serpente, e se abre a sepultura.

Plantar podéste em fim, monstro horroroz
Do Erebo a semente

No mesmo Coraçâo, que respeitozo
Devêra obediente,
Adorar dentro d'Alma a Divindade;
Insuflando-lhe a tua vaidade.

Viste nelle as bellas excellencias,
Que orgulhosa perdeste,
E ardendo em zellos mil, em displicencias,
De um pomo te valeste,
Para inspirar desejos tenebrozos,
Que impedissem progressos gloriozos....

Porém.... que aguarda a Urna dos Decretos
Do Soberano Ente!...
Mal pensaste os Arcanos mais Secretos
Mortifera Serpente...
Teus improbos prestigios, tua maldade,
La vâo formar um triunfo á humanidade.

Eis, desce um Deos, que vem a humanizar-se
Victima da obediencia:
Eis, sobe o Homem já a divinizar-se
Nos braços da innocencia,
Olha de que esplendor, nova belleza,
Nâo se reveste a humana natureza!...

Mas que... do negro baratro appareces
De novo te arastrando,
Imperios, honras vâs que lhe offereces
De là vens cogitando!...
Infando monstro a tanto te atreveste,
A teu DEOS E SENHOR tentar pudéste?...

Nâo vês que em hypostatica Igualdade,
De um DEOS a Natureza,
Se uniu, por confundir-te, á Humanidade?
Vacillas na incerteza?
Ouve a repulsa... espera... nâo te espantes...
Está escripto em purissimos diamantes....

Fugiu, fugiu a Serpe exasperada,
Largando-lhe a victoria,
Mas, porque fosse a obra consumada,
Quiz por maior glória,
Que o Labaro da Cruz fosse arvorado,
E com seu proprio sangue rubricado.

Que assumpto para os Anjos!... DEOS ETERNO,
Que a tua Imagem bella
No PRINCIPE nos déste o Pai mais terno,
Que todo se desvella
Por formar as delicias dos humanos,
Ditosos lhe dilata os seus bons annos.

Sustenta-lhe, co'a Regia Investidura,
Os dons da Realeza;
Os dons de Sapiencia e de cordura,
Justiça e Fortaleza;
Porque nos desempenhe sempre grato,
Teu Grande Original de que é retrato.

XIX.

SALVADOR DAS NEVES.

Natural do Recife.

1816.

Hymnos Sacros*).

Deos vos salve, Excelso
Filho de David,
No Passo do Horto
De Gethsemani.

Nesse triste Passo
Começou Jesus
A obra, que vai
Consummar na Cruz.

*) Damos somente, como amostra, estes ao Senhor dos Passos, deixando os outros, á Virgem do Rosario, juntos no mesmo folheto.

Para nosso bem
Cheio d'afflicção
Fazia a Deos Padre
Fervente Oração.

Para nos salvar
Bem se compromette
Entre as agonias
Do Monte Olivete.

Prompto o seu Espirito,
E sempre constante;
Sua carne enferma
Quasi agonizante.

Por nós derramou
Em grande effusão
Seu Sangue coado
Em transpiração.

Pelo vosso Sangue
Vertido no Horto;
Dai ás nossas almas
Da graça o conforto.

*

Deos vos salve, Filho
De Deos d'Abrahão,
No nocturno Passo
Da vossa Prizão.

Divino José
Tâo esclarecido
Por vossos Irmâos,
Já prezo e vendido.

Sois Templo animado,
Sois Arca de Deos,
Entregue por odio
Aos maos Filisteos.

David Sacrosanto
Entregue aos abalos
Das mâos dos seus mesmos
Rebeldes vassallos.

Affrontoso golpe
Por todos foi visto
Darem por desprezo
Na face de Christo.

Por que nâo seccaste
Sacrilega mâo,
Como succedeo
A Jeroboam?

Prendei a minha alma
Sempre ao vosso lado
Para nâo cahir
Já mais em peccado.

*

Deos vos salve, Autor
Dos dias e noites,
No tremendo Passo
Dos crueis açoites.

Nesse horrivel Passo
Mandam que se puna
A Christo innocente
Atado á columna.

Os crueis verdugos
De Jesus raivosos
Lhe deram açoites
Os mais rigorosos.

Nâo sâo mais ferozes
Crueis leopardos,
Do que foram esses
Algozes malvados.

Qual manso cordeiro
Soffreu muitas dores
Por tantos cutelos
Dos seus matadores.

Do Sagrado Corpo
Já todo exangue
Por tantas feridas
Gotejou seu sangue.

Pela penitencia
Minha alma se una
Comvosco no Passo
Da forte columna.

*

Deos vos salve, ó Rei,
Entre desalinhos,
No amargo Passo,
Da Coroa d'espinhos.

Assim nesse Passo,
Jesus Soberano,
Foi feito o opprobrio
Do genero humano.

Tolerou constante
O mais doloroso
Deliquio mortal,
Martyrio penoso.

Serrados seus olhos
De dor opprimidos,
Banhados em Sangue
Quasi amortecidos.

Sois nosso Divino
Grande Salomão
Mesmo no ultraje
Da vil c'roação.

Cubram-se de pejo
Os nossos semblantes
Pelas nossas culpas
A Deos aggravantes.

Pela gravidade
Dos vossos tormentos
Apartai de nós
Os mãos pensamentos.

*

Deos vos salve, Christo
A todos notorio,
No tyranno Passo
Do falso Pretorio.

Perguntou Pilatos
Ao povo fallaz,
Qual queriam vivo
Christo, ou Barrabaz?

O povo insensato,
Tão maledicente,
Condemnou ao Filho
Do Omnipotente.

Todos o desprezam
Com más expressões,
Como a um objecto
De mil maldições.

Novo Mardoquêo,
Sem culpa, nem vicio
Condemnado á morte
Do féro supplicio.

Ferido e chagado,
Dos pés á cabeça,
Inda querem que
Seu tormento cresça.

Por essas palavras,
„Eis-aqui o homem“
Livrai-nos dos males,
Que aos povos consomem.

*

Deos vos salve, ó Justo,
Com culpas impostas,
No penoso passo
Da Cruz sobre as costas.

Se as portas de Gaza
Carregou Sansão,
Christo leva a Cruz
Para a Redempção.

Novo Eliacim
Ensanguentado
Carregando a chave
De David Sagrado.

Verdadeiro Izaac,
Para nós propicio,
Carregando o Lenho
Do seu sacrificio.

Vai todo em silencio
O homem de dores,
Qual ovelha entre
Os tosqueadores.

Tão desfalecido
Tristes Passos dá
O victorioso
Leão de Judá.

Qualquer de nós outros
Tome a sua Cruz;
Sigamos os Passos
De Christo Jesus.

*

Deos vos salve, ó Verbo
Divino encarnado
No ultimo passo
Já crucificado.

Pela luz da Fé
Contemplai e vede
O Justo Ismael
Morrendo de sede.

Divino Moysés
Com seccura e magoa,
Quem fez borbulhar
Dos penedos agoa.

Com voz moribunda
Quasi intercadente,
Pelos inimigos
Orou geralmente.

Dos Seus tristes passos
Consummou o gyro
Na Cruz exhalando
O final Suspiro.

Eu fui que dei morte,
Por minha maldade,
Ao Filho de Deos
Com impiedade.

Deste Abel o Sangue
Pede com clamores
Só misericordia
Para os peccadores.

XX.

PAULO JOSÉ DE MELLO AZEVEDO E BRITO.

Aos annos do Principe D. Pedro.
Em de 12 outubro de 1820.

Elogio.

Na quadra em que o colono o premio aguarda
Dos vertidos suóres; quando baixam
Os íncolas do Olympo conversaveis
De Lysia aos Campos, que brilhante scena
Os olhos arrebata! Aqui nos hortos
Verga Pomóna ás arvores os ramos
C'o dôce pêso dos corados fructos;
Ali reluz por entre verdes parras
O rôxo bago, que Lyeu criára
Nos combros racimosos; além Céres
C'os pães que enlourecêra alastra as eiras
D'ellas em tôrno o segador singelo,
Singelos villancêtes modulando,

Ora empunha o mangoal, ora o g'ravanço,
Em quanto a terna espôsa, e a tenra próle
Manejando a joeira o trigo estrema:
Em longo fio da Collina désce,
De cachos carregado o vindimeiro,
Em números atados descantando
Gratos louvôres de Seméle ao Filho:
Reina a abundancia, e co'a abundancia reina
No sêio do colono alma alegria.
N'esta quadra opulenta em que os celícolas,
Como á porfía os campos enriquecem,
Do Tronco Bragancez, Lysia, tu viste
Brotar nos campos teus um novo Fruto,
Mais que todos gentil, mais prestadío:
Sálve, Lucina amiga, o Luso Pôvo
Por Dom tâo rico graças mil te rende.

De exquisito donaire ataviada,
Tithónea hoje se erguêu do níveo leito,
Risonha abrindo ao Pai c'os róseos dedos,
As claras portas do cheiroso Oriente.

Sálve, Fructo adoravel, firme abono
D'Arvore annosa, d'Arvore Sagrada,
Que Lysia ampara, que o Brazil abriga,
Co'a vicejante magestosa Cópa:
Sálve Próle de Reis, que aos Reis da Terra
Inveja foram, foram Nórte e Rumo
Na de Póvos reger arte sublime.
Do Vate a mente no Appollíneo arroubo,
Eras invade, arcanos descortina,
Fórça os umbraes do carrancudo Fado,
Abre o férreo volume, e lê Futuros!

Espelha-Te no Pái, fiel transumpto
Dos Claros Seus Avós, Joâo reúne
A cópia ingente das Reaes Virtudes,
Que os fez do Mundo assombro, e amor
dos Lusos:
Quaes Elles foram, Tu serás um dia.

Eia, exulta, Brazil, ditosa plaga,
Que em teu opímo juvenil regaço,
Tal Fruto, antes Thesouro, agora encerras!

Debaixo d'outro Céo a luz primeira
O Regio Fruto viu; auras Celestas,
Dôces orvalhos, adequados succos,
Ali bellesa e nutrição Lhe deram:
Mas o Braço invisivel, que do nada
Tirou os Orbes, e immutaveis regras
Aos Orbes prescrevêu; ante Quem dóbra
Quanto é feitura Sua, nâo consente,
Que o chão fecundo que nascer O vira,
O veja sazonar; essa ventura,
Regiâo de Cabral, a ti foi dada!

N'esta do novo Mundo porção larga,
Com a qual foi tâo pródiga Natura;
N'este terreno que no plaustro de oiro,
C'os raios verticaes Phebo visita;
Onde o Sexto Joâo, o Pái da Patria,
O Grande, o Pio, o Compassivo, o Justo,
Lançou eterna báse a Throno eterno
Verâo os filhos nossos, nossos nétos
Reinar o Excelso Pedro, e a Stirpe sua.

Do Augusto Pái altas lições bebendo
Leis na Terra dará dos Céos trasidas,
E as Éras de Saturno fabuladas,
Hão de Verdade ser reinando Pedro.

De remótos dominios, de conjunctos,
Contino affluirão Póvos e Póvos,
Guarida procurando em Seus Dominios:
Nações hão de almeijar Sua alliança;
Para seu Rei, Nações hão de querel-O;
E o Mundo tem de ser de Pedro o Imperio

Principe Egregio, os cem Clarins da Fama
Hão de cançar, Teu Nome pregoando;
Sobêjo assumpto aos que perfilha Apollo,
Irás dando, Senhor, até que nasça
Novo Camões que Te arrebate aos Évos:
Qual é Teu Coração, sereno e puro;
Qual Tua Mente, luminosa e vasta,
Tal seja a têa que Te fie Clotho!

XXI.

JOSÉ PEDRO FERNANDES.

Ao regresso de Pedro 1º da Bahia (Abril de 1826).

Nos braços da indolencia nâo se nutrem
Homens, quaes Deoses, que de espaço a espaço
Vem, combinando tempo, e circunstancias,
Dar novo arranjo ao quadro do Universo,
Fazer uteis, activas, productoras
Massas estereis de existencia inhabil.
Só de esforçadas, colossaes fadigas
Brota possante o celebre renome
Dos grandes Genios, que rompendo ousados
Cerrada turma de apinhadas trevas,
Em Chefes de Naçôes, ás Naçôes deram
Força, Grandeza, Liberdade, e Gloria.

Mas onde esses Heroes! Acaso existem!
Das lousas sepulcraes resurgiriam
Lucidas Phases do Romano Imperio?

Tomariam talvez nova existencia
Gregos, Latinos, venerandos feitos?
Veremos renascer os aureos tempos,
Em que Tito deu Leys, deu Leys Aurelio?
Não que do tempo a roda não desanda;
Porém novas acções, portentos novos,
D'esse antigo esplendor o brilho eclipsam.

O Imperio do Brazil nas Mãos de Pedro
Abriu principio de épocas sublimes.
Entre os Gigantes dous, entre os dous Rios,
Cancellos que lhe poz a mão do Eterno,
Avassallada a furia das revoltas,
Sobre extenso horisonte relampeiam
Dias sem mancha em seculo de assombros.

Lá vejo a Primogenita briosa,
Da audacia de Cabral trofeo primeiro,
Mal podendo suster commoções d'alma
Fervido impulso de prazer supremo,
Apertar contra o peito, contra os labios,
Cobrir de ternas lagrimas de gosto
A bemfeitora Mão, que soube dar-lhe
Existencia de Heroes. Patria sem ferros.
Lá ouço o som dos eccos repetindo:
„Eis-Me entre vós: Sou Grato aos vossos feitos
„Eis-Me entre vós: falai-Me com franqueza;
„O vosso Defensor Ha de Attender-vos.
„Os votos do Brazil são os Meus votos.“
Lá sinto um terno Adeos .... Breve que fosse
Tem azedume tal.... Nós o provamos:

Embóra o coraçâo guardasse a imagem....
Sâo quasi morte ausencias tâo sentidas.

Mas nova scena em extasis me enleva!
Eis o momento suspirado ha muito:
Eis outra vez nas margens do Janeiro
O Terno Amigo, o Defensor da Patria,
A doce Mai do Brazileiro Povo,
E a Princeza gentil delicias nossas.

O Amor, a gratidâo, o gosto, o instincto
Ao jubilo geral dâo largo impulso.
Livre expansâo do ardente enthusiasmo
Na voz, no gesto, nas acçôes, e em tudo
Magica verte deleitoso encanto.

A pura, a verdadeira Liberdade
Foragida de um Mundo turbulento,
Onde licença atroz, porçâo do Inferno,
O nome lhe infamou por varias fórmas,
Fugiu para o Brazil, veio asyllar-se
No codigo immortal das Leis de Pedro
A salvo do naufragio e das tormentas,
Já vê sem susto acapellar-se ao longe
O pavoroso mar, em que rebramam
Vagas feroces de paixôes sem freio.
Já sente a salvo o retinir dos ferros,
Dos ferros por mil vezes preparados,
Em vituperio seu, mesmo em seu nome.

Nestas, sem termo, deleitosas Plagas
Os fóros da Razâo nâo sofrem jugo.
Prole celeste da moral dos Numes,

Contente o coraçâo gosta entre os risos,
Serenos risos de um Governo affavel.
Aqui nâo vemos disfarçados Linces
Segredos prescrutar nos seios d'alma,
E em falha a sediçôes, que denunciem,
Sediçôes extrahir da propria mente,
Só afim de lucrar um pouco de ouro,
No vil salario da perfidia horrivel;
Ou talvez por fartar brutal vingança,
Vertendo o sangue de innocentes peitos.
Aqui nâo freme o ronco das procellas,
Que tem de mil Naçôes cavado a ruina:
Aqui perpetuos bens meigos adoçam
Agros destinos, turbida existencia,
A voz da intriga, o incenso da lisonja
Nâo arde, nâo troveja aos pés dos Solio,
Nem as trevas do engano alli transformam
Serviços em traiçôes, virtude em crimes.

O Genio protector, que nos defende
Nunca retorce da careira illustre,
Que do Emprego sublime o gráo Lhe marca;
Docil, e prompto no outorgar dos premios,
Sómente é tardo ao desfachar dos raios.
Inda nas crises de apurados lances
Nâo soube vacillar, tremer nâo soube.
Arduos projectos, que traçou na mente,
Pôde sempre ao seu fim levar sem custo
Impossiveis nâo vê, tudo Lhe é facil.
Sempre incansavel, desvelado sempre.
Fez abrolhar no solo Brazileiro
Todos os dons, os elementos todos
Da Gloria, do Heroismo e da Fortuna;

Fez tremolar ovante e respeitado
O auriverde Pendão da Patria nossa;
Fez, finalmente, neste vasto Imperio
Ver um Povo feliz no amor do Throno,
E um Monarca feliz no amor dos Povos.
Cidadãos, exultai! O Augusto Movel
De todos esses Dons, de Assombros tantos;
O Grande Pedro, o Fundador do Imperio,
Já respira outra vez sobre estas margens.
Cidadãos, exultai! E' nosso: é nosso.

XXII.

JOAO PAULO DOS SANTOS BARRETO.

Elogio.

(Ao mesmo assumpto antecedente.)

Se o tumido, vastissimo Oceano,
Grato recebe as copiosas ondas,
Qu'o Soberbo Amazonas, e que o Prata
Em feudo perenal nelle derramão,
Ah! Não regeita por mesquinho, e pobre
O tardio regato, que submisso
Tributo vai prestar-lhe reverente..
D'est'arte, Inclito Pedro, o vate implume
Se remontar não pode a Phebo ignifero,
Rasteiros vôos ensaia ao bifendido
Sagrado Monte, habitação das Musas.
Oh qu' assumptos não vejo magestosos
Para ingente Epopéa e altiva Historia!
Vejo abaladas na caduca Europa
Da Mole Social vetustas Bases,

Em quanto assoma no Brazil ovante
Magestoso Edificio, obra de Pedro.
Vejo na Terra de Cabral famoso
Novos brotarem venturosos dias
Que vâo de Rhea os dias memorando:
Vejo (Oh Prodigio!) o Joven Sublimado
A gloria escurecer do Heróe, que outrora
Na Plaga Boreal seu Nome teve.
Se tanto fulgurou o Etesio Pedro,
Só porque soube Sabias Leis dictando,
Florente Imperio transmittir, que herdára;
Se pôde em fim ganhar de Grande o Nome:
Qual seja, Clio diz, qual nome pode
Convir a tanto Heróe, convir a Pedro
Quando no abismo quasi despenhado,
O convulso Brazil hia â sumir-se,
Quando das Serpes a caterva horrenda
Pestilente veneno vomitando,
O dente estragador lhe morde o peito,
Quando affrouxados, rotos os ligames,
Em partes dissolvido o Grâo Collosso,
Gigantesco Brazil tocava o termo,
Eis surge Pedro, de Mavorte Alumno,
Forrado o Peito d'aço, o sabre em punho,
Arrojando p'ra além dos Mares bravos
As inimigas, sacrilegas cohortes;
Qual Sartelmo que traz a Náo do Estado
Bonança perenal, serenos dias
Surge do Abismo, surge da Discordia
O radiante, magestoso Solio,
Que Nascimento e Gratidâo lhe outorgam:
Alça o Brazil a fronte triumfante
Em Pedro encontra Divinal Arrimo.

Sopra-lhe vida, Marca-lhe a carreira,
Que em breve percorrendo á meta chega.
Nâo cessa Pedro de benigno a dextra
Solícito estender. Nâo murcha a planta
Se de sabio cultor a mâo a ampara.
D'est'arte assomam lucidos dictames,
Brotam as Artes, vingam as Scienciss:
Cede Neptuno o Reino Cristalino
A' dura quilha d'Argos renascida:
Marte abandona os campos devastados
Da prisca Europa, vem firmar seu trono
No fertil solo do Brazil benigno;
Bravos Alumnos, que Belona adestra,
D'envolta a morte com seus golpes manda
Contra os infidos, horridos Titanes,
Que serros sobrepondo a altivos serros,
Sacro Olympo escalar ousam protervos.
Que mais pode outorgar fagueiro Nume?
Nâo tem doce Penhor na Prole Augusta
Concedido ao Brazil Jove Potente?
Nâo vemos congregados Nomothetas
Ardendo em zelo santo as Leis traçarem
A pár das Normas, que dictára Pedro,
Nâo vai doce conforto aos caros Póvos
Qual Nume tutellar prestar Amigo,
De Boréas e Neptuno despresando
Rijas procellas, sibilantes sópros?
Nâo vemos'.... Musa, basta qu'altos feit
Cantar só podem Vates, que libando
D'Aganype o licor sacro e prestante,
Sonoroso clarim do Pindo emboçam.

XXIII.

PEDRO JOSÉ DA COSTA BARROS.

Cantata.

(Imitação da de Dido.)

Aos annos da Imperatriz Amelia, em 1830.

Ja Nicteroy buscava branquejando
A suspirada Brazileira frota;
Mostrando a furto o pavilhão dourado,
Que ora travessos ventos escondiam:
Raivoza, mais que Dido.
Turva-se a Inveja, morde-se ululando:
Co' as serpes atirar em vão procura
Ao Brazileiro Eneas:
Apinhada nas ruas, e nas praças
A Brazilica gente se apresenta;
Corre em ondas á praia ha pouco nua,
Té tocarem co's pés na praia as ondas:

Muitos das altas grimpas
Das Cathedraes soberbas
Roubam, sem susto, ou medo, o pouzo ás aves:
Na morte e no sepulcro
Ali nâo se imagina:
Perdem-se estas ideas como as cinzas,
Que o vento leva, que dissipa as vozes,
A' mais formoza, do que o fôra Elisa,
A' Amelia igual aos Numes
Ja Nicteroy prepara,
Outr'ora esmorecida,
Queimar-Lhe incensos, erigir-Lhe altares.
A classe inferior do Povo as taças
Enche de rubro vinho,
Que em fido sangue corre a converter-se.
Ja de prazer delira
O amavel sexo lindo;
A madeixa subtil desentrançada
Sem arte aqui, ali, prende sem tino.
Do Regio apozento
Sae a buscar a amante,
A Espoza enternecida,
De Saudade esquecendo as agras queixas,
O Grande Imperador, que os Céos mostráram,
Para bem do Brazil, d'onde pendentes
Todos os Fados seus se descobrîram:
Conquistou-nos amor; nâo dura espada;
Para reger-nos Pedro, ah! nâo arranca
Jamais ferro oppressor d'aurea baînha:
Seu Paternal amor mais penetrante
Deu alma ao seu Direito, ás Leis deu corpo.

Ja se avistam: nos labios murmurando
A amoroza expressão das linguas salta;
Ao ver de Pedro as faces rociadas,
Se esquecem de Munich aureas columnas:
Amelia sente erguer-se
Dentro do Coração da Dita o leito:
Quando aos olhos do Espozo os Seus levanta,
Do Espozo dão-lhe os olhos
Mais prazer, do que dor a Dido a malha
Do infiel Dardanio.

Esta scena de amor se repetia
Entre os vivas do Povo, entre os accentos,
Que por todo o Brazil inda voando
Hão de sempre escutar-se: assim se ouviram:

Feliz Consorcio!
Ditozos Laços!
Que Amelia guias
De Pedro aos braços:
Teus claros dias
Eternos sejam.

Ao novo Imperio
Hoje asseguras
Mil bens presentes,
Ditas futuras.

Discordia bruta
De nós ja foge;
Da paz os mimos
Gozamos hoje.

O Par mimoxo,
E Magestozo,
Que d'alta gloria
Um Deos premêa;
Ja da Memoria
A elara vêa
Sulcando vai.

XXIV.

FR. JOAO BAPTISTA DA PURIFICAÇAO.

Da Provincia de Santo Antonio do Brazil*).

(A Antonio Joaquim de Abreo, em 1815.)

Deosas do Pyndo, placidas Camenas,
Que promptas florejaes-me a branda rima,
Cedei-me a Lyra eterna,
Que ao Luso Cysne déstes,
Para ao som modular dos aureos fios
O grato nome do Cantor Divino.

Flammifero vapor nas debeis fibras,
Serpeando embellece o frouxo alento

*) Não temos toda a certesa de que fosse nascido no Brazil este religioso; mas, na dúvida, preferimos publicar esta ode, que recommenda o seu estro; e rogamos a quem esteja no caso de consultar os archivos da ordem de averiguar delle a naturalidade.

De um estro entorpecido:
Sôe em meu ronco peito
A linguagem Febea, a voz dos Numes
Troveje nas canções, que sagro ao Vate.

Nâo fito as vistas da ambiçâo grosseira
Nos amplos cofres, que a Fortuna encinta,
Meu genio nâo se afana
Pelo vil interesse,
A candida amizade é quem só tenta
Do pobre alvergue requintar-me o vôo.

Transposto ao cume do Heliconeo monte
O sabio Ontanio, cuja fronte excelsa
Crystalisa a corrente
Da limpida Hypocrene,
Cinge o loiro, no Menalo cortado
Por mâos das Graças, que lhe fervem n'alma.

Faisca o Metro, que se estende aos Evos,
Ao tardio Porvir com gloria tanta,
Que a Gigantea Diva,
Deslisando as areias
De remotas Naçôes, fará que echôe
No brado universal, que vota em premio.

Tâo galante expressâo, tâo linda fraze
Nâo doira os versos, que adorâra Esmyrna
Ness' Aguia do Permesso
Por quem o Macedonio
Entre Marcias Phalanges suspirando
A sorte almeja do guerreiro Achilles.

Aprosada invençâo, que o gosto espanca,
Nâo lhe rouqueja o Canto sonoroso,
  Assombrosa harmonia
  Lhe ameiga a voz canora,
Ideias immortaes concebe a mente
Nos floreos quadros, que o Universo admira.

Nâo mais, Musas nâo mais; guardai-me a Lyra,
Que de aljofar me destes enfeitada
  Para louvar d'Ontanio
  O nome venturoso,
Entalhado por vós em jaspe fino
A par do Mantuano e Venusino.

FIM DO FLORILEGIO.

Encontrar-se-ha o presente supplemento, bem como todo o Florilegio, no Rio de Janeiro, em casa de E. e H. Laemmert.

ADDENDA
AO APPENDICE DO FLORILEGIO.

XXIV bis.

NUNO MARQUES PEREIRA. *)

(1725.)

Romance.

La' cantava o Sabiá,
Um recitado de amor
Em doce metro sonoro,
Que ás mais aves despertou.

A este tempo se ouvia
N'um raminho o Curió,
Com sonora melodia,
E com requebros na voz.

O Mazombinho Canario,
Realengo em sua cor,
Deu taes passos de garganta,
Que a todos os admirou.

O' encontro lhe sahia,
Passarinho Bom cantor,
De ramo em ramo saltando,
Só por ver sahir o Sol.

*) Não havendo tido á mão, ao organisar e imprimir o 20. Supplemento, o livro do *Peregrino da America*, deste notavel Cayruense, deixámos de contempla-l-o; omissão que preferimos supprir, á ultima hora, transcrevendo este romance, recommendavel, não só pela côr local, como pela especialidade de ser em assoante agudo ou de uma só vogal.

De picado o Sanhaçú,
Taô alto soltou a voz,
Que cantando a compasso,
Compasso naô levantou.

A encarnada Tapiranga
Quando mais bem se explicou,
Foi por numeros da solfa,
Com mil requebros na voz.

A linda Guarinhataâ,
Chochorriando, compôz
Um solo bem affinado,
Que seu amor explicou.

O alegre passarinho,
Que se chama Papa-arroz,
Pelos seus metros canoros
Cantava ut re mi fa sol.

A Carricinha cantando,
Tanto seu tiple affinou,
Que nas clausulas da solfa
Se naô viu cousa melhor.

E logo por esses ares
Remontado o Beijaflor,
Tocando ia nas azas
Com donaire um bello som.

O valente Picapáo,
De um páo fez o tambor,
E com o bico tocava
Alvorada ao mesmo Sol.

Despertando o Pitahuaâ
Com impulsos de rigor,

Disse logo: Bem-te-vi
Deste logar em que estou.

O Fradinho do deserto,
Contemplativo, mostrou
Que tambem sabe cantar
Os louvores do Senhor.

O Curuginha cantando,
Parecia um Roxinol;
E sempre taô entoado,
Que nunca desaffinou.

As Andorinhas no ar,
Com donaire e com primor,
Fizeram um lindo baile,
Que seu amor inventou.

O lindo Cucurutado,
Com bella voz, se mostrou
Que era musico famoso
Do real coro do sol.

O pintado Pintasilgo
Da solfa compositor,
Endechas fez, e um romance,
Que em pasmo a todos deixou.

As formosas Aracuaâs,
Sem temer ao caçador,
Em altas vozes cantavam
Cada qual com bello som.

Sahiu de ponto a dançar
A Lavandeira, e mostrou
Era taô destra na dança,
Que pés na terra naô pôz.

*

A formosa Jurutí
No bico trouxe uma flor,
E com taô custosa galla,
Que as tenções arrebatou.

Sahiu de branco a Araponga
Com taô galhardo primor,
Que foi alvo das mais aves,
Pela alvura que mostrou.

Vieram em bandos logo,
Cantando com bom primor,
Periquitos, Papagaios,
Tocanos, e mais Paôs.

Nesta suave harmonia
Se divulgava uma voz
Pelos ares, que dizia:
Arára, Arára de amor.

Naô fallo aqui das mais aves,
Nem dos Sahuins e Guigós,
Que com bailes de alegria
Festejam ao Creador.

ERRATAS NOTAVEIS DO APPENDICE.

Pag.	*lim.*	*onde se diz:*	*lêa-se:*
12	5	Ne	Que
„	7	sem	sem,
16	16	Rue	Que
40	3	jacundo	jucundo
93	27	Sartelmo	Santelmo
94	ult.	emboçam	embocam

INDICE ADDITIVO

AO

GERAL ALPHABETICO

SUPPLEMENTO FINAL.

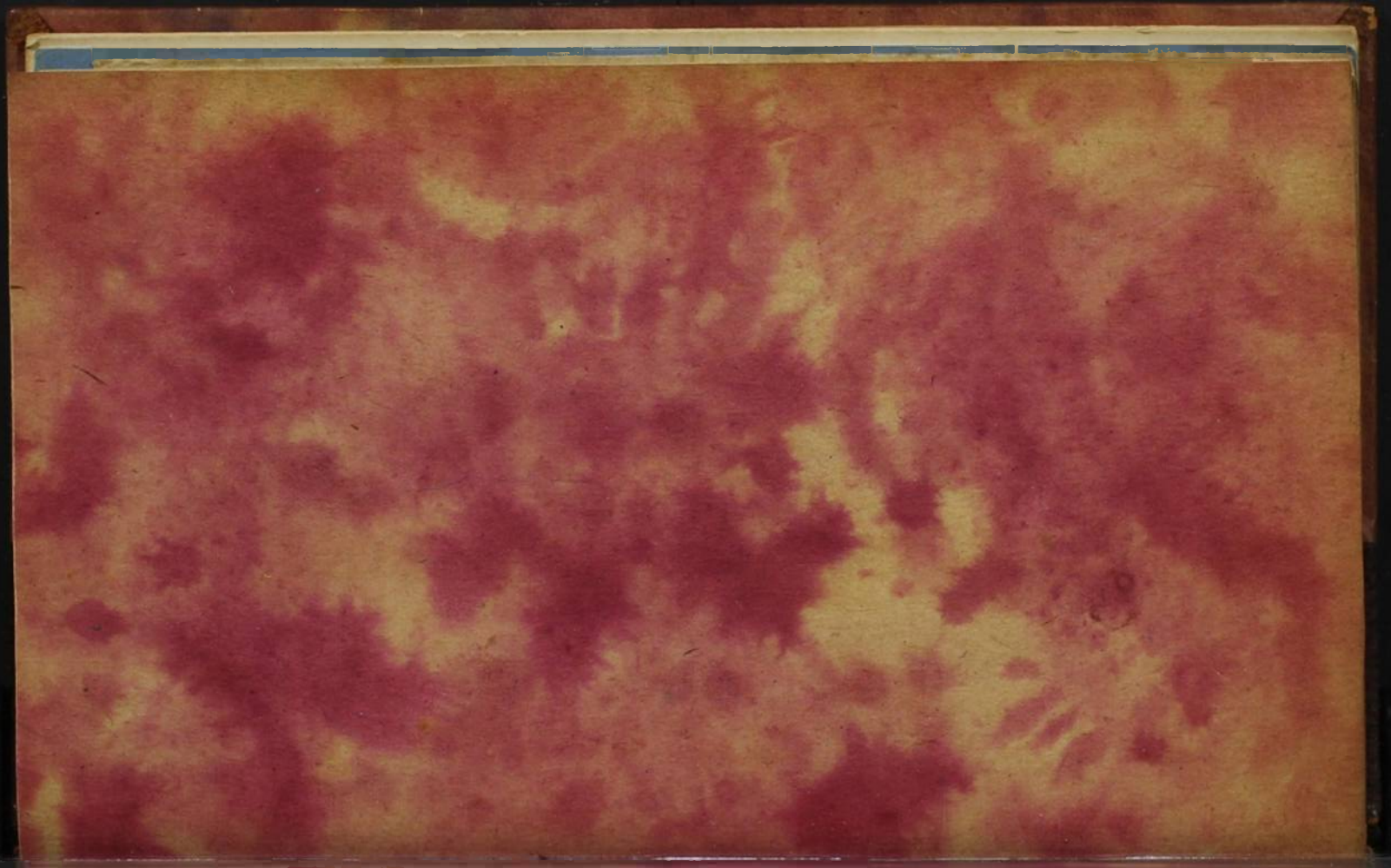
	Paginas
Satisfação	5
I. Bento Teixeira Pinto.....	11
II. Diogo Grasson Tinoco.....	13
III. Sebastião da Rocha Pitta ...	15
IV. Gonçalo Soares da Franca	21
V. Sebastião Borges de Barros ...	25
VI. Conego Franc. Xavier da Silva	27
VII. Dr. João Borges de Barros ...	29
VIII. Silvestre de Oliveira Serpa ...	31
IX. P. Jose de Oliveira Serpa	38
X. Jeronymo Sodré Pereira	41
XI. Dr. José Pires de Carvalho e Albuquerque.....	42
XII. Antonio Cordeiro da Silva	44
XIII. Angela de Amaral Rangel	54
XIV. Dr. Simão Pereira de Sá	57
XV. P. Antonio José Gomes da Costa	60
XVI. Dr. Rodrigo de Seixas Brandão	63
XVII. Dr. Thomaz Ruby de Barros Barreto	65
XVIII. Antonio José Vaz	67

Paginas
XIX. Salvador das Neves 75
XX. Paulo José de Mello Azevedo e Brito 83
XXI. José Pedro Fernandes 87
XXII. Joâo Paulo dos Santos Barreto 92
XXIII. Pedro José da Costa Barros ... 95
XXIV. Fr. Joâo Baptista da Purificaçâo 99

COMPOSIÇOES DO SUPPL. PRIMEIRO

NÃO COMPREHENDIDAS NO

INDICE GERAL ALPHABETICO.

Paginas
V. Manuel Ign. da S. Alvarenga.
A tempestade..... 288
A' estatua equestre de José I. 291—295
VI. Domingos Caldas Barboza.
Mais apontamentos biographicos e bibliographicos..... 296-297
Epithalamio (1777)..... 298—301
VII. José Eloy Ottoni.
Apontamentos bibliographicos e varias correcçôes ... .. 302—309
VIII. Gregorio de Mattos.
Soneto aos Caramurús 310

26158